

- **Secretário-Geral:** no mês de setembro p.p. a Santa Sé confirmou a nomeação do novo Secretário-Geral do Pontifício Ateneu de Santo Anselmo em Roma, Dom Geraldo Gonzalez y Lima, monge-presbítero da Abadia de São Geraldo em São Paulo, da Congregação Húngara, que já estava trabalhando em Roma como Secretário do Abade-Primaz, há algum tempo. Dom Geraldo substitui D. Stefano Visitin, monge da Abadia de Santa Maria de Praglia, Itália, da Congregação Sublacense, eleito Decano de Teologia do mesmo Ateneu. Ao novo Secretário-Geral nosso desejo de um profícuo e abençoado serviço a nossa Ordem!
- **Oblatos Seculares:** na solenidade de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, durante o II Encontro Nacional de Oblatos realizado em Belo Horizonte, entre os dias 08 e 12 de outubro p.p. foram eleitos como Assistentes Espirituais Nacionais: D. Hugo da Silva Cavalcante, prior do nosso Mosteiro e Ir. Maria de Fátima Sena Silva, da Abadia do Salvador e como Oblatos Coordenadores Ir. Tomé Dinoá Medeiros e Ir. Isabel Pessoa de Vascelos Medeiros, ambos da Abadia de São Bento de Olinda – PE. Agradecemos ao oblato Ir. Áquila de Oliveira Marçal, de Nossa Senhora do Monserrate do Rio, todo o empenho para o bom êxito do Encontro, desejando aos eleitos um abençoado trabalho.
- **Novo Abade de Monte Cassino:** no dia 17 de novembro p.p. o Santo Padre confirmou a eleição feita pela Comunidade de D. Pietro Vittorelli como Abade Territorial de Monte Cassino, sendo então constituído o 191º sucessor de Nosso Pai São Bento naquela Abadia que podemos considerar a casa-mãe de nossa Ordem. Ao novo Abade, nossos votos de uma fecunda paternidade e à Comunidade um crescimento em número e santidade.
- **Centenário:** em 24 de novembro celebramos a restauração da hierarquia abacial em nossa Congregação, que possuía, então, Abades trienais, ocasião em que no ano de 1907 o Arquiabade de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro e Bispo Titular de Focéia, Dom Gerardo van Caloen conferiu a bênção abacial a Dom Crisóstomo de Saegher, Coadjutor dele; a Dom Majolo de Caigny, como Abade-Coadjutor de São Sebastião da Bahia, a Dom Pedro Roeser, Abade de São Bento de Olinda e a Dom Miguel Kruse, Abade de Nossa Senhora da Assunção em São Paulo, sendo lida no refeitório a Crônica de tão singular acontecimento pelo qual em tudo seja Deus glorificado (RB 57,9).
- **Hóspedes:** nos dias 26 e 27 de novembro em rápida passagem por Brasília estiveram como hóspedes em nosso Mosteiro: D. Abade Bruno Marin, Abade-Presidente da Congregação Sublacense, D. Jacques Damestoy, Abade de Notre-Dame de Belloc e Visitador da Província Francesa e D. Abade Joel Chauvelot, Abade de Notre-Dame de Tournay, que reabriu a fundação na cidade de Goiás - Go. Agradecemos tão honrosas visitas no meio de nós, pois assim podemos testemunhar a hospitalidade beneditina brasileira aos nossos irmãos de tradição monástica tão antiga.
- **Os monges e a AIDS:** no dia 1º de dezembro nossa Comunidade fez as orações que foram recomendadas pela AIM – USA pelas vítimas da AIDS, que são cada vez mais numerosas, sobretudo na África e também por aqueles que se empenham na cura dessas vítimas, entre eles tantos monges e monjas da nossa Ordem. Que nossas orações sejam contínuas por eles e que possam levar a esperança cristã, àqueles que estão também a perdê-la!
- **Retiro Anual:** Entre os dias 02 e 08 de dezembro nossa Comunidade teve o seu Retiro Anual orientado pela Me. Abadessa Mectildes Vilaça Castro, a quem agradecemos o recordar de pontos tão importantes para que vivamos fielmente a nossa vocação de discípulos de Cristo nos caminhos de Nosso Pai São Bento.
- **Noviços de Oblatos:** No dia 08 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, tivemos a entrada no noviciado de quatro irmãos que pretendem fazer a Oblação Beneditina Secular em nosso Mosteiro. Á eles nossos desejos de perseverança na fidelidade ao chamado que receberam.

## NOTAS

- Visite e consulte o site do Mosteiro, recentemente renovado [www.msbento.org.br](http://www.msbento.org.br) e acompanhe os trabalhos que são desenvolvidos pelos monges. E leia também, a edição *on line* desse *Diálogo* e do Boletim do *DIM-MID*. Entre em contato conosco!
- Seja benfeitor e colaborador do Mosteiro! Para fazer doações, deposite no **Banco do Brasil**, agência nº **2887-8** conta nº **78186-X**. Para outras informações, consulte Dom Patrício.
- Colabore com a Comunidade do Mosteiro adquirindo livros, medalhas, terços, cartões, discos, imagens e diversos outros produtos. Na Lojinha você também encontra doces caseiros e biscoitos. Ao comprar qualquer produto em muito você estará ajudando o Mosteiro!

ONOMÁSTICOS, ANIVERSÁRIOS E OUTRAS CELEBRAÇÕES

## DOS MONGES

## DEZEMBRO

- 07 D. Arquiabade Presidente Emanuel do Amaral – **Ordenação (1985)**  
D. Agostinho O. dos Santos – **Profissão (1986) e Ordenação (2002) – 5 anos**  
D. André R. Neves – **Ordenação (2002) – 5 anos**
- 08 D. Romano Moraes – **Profissão (1977) – 30 anos**  
D. Paulo da Silva Cavalcanti – **Profissão (1979)**  
D. Hugo da S. Cavalcante, **Prior – Profissão (1988)**  
D. André R. Neves – **Profissão (1992) – 15 anos**  
Ir. Bonifácio Lima – **Profissão (2003)**
- 12 D. Romano Moraes – **Ordenação (1993)**
- 21 D. Hugo da S. Cavalcante, **Prior – Aniversário**
- 25 D. Arquiabade Presidente Emanuel do Amaral – **Onomástico**
- 27 Arcebispo D. João Braz de Aviz – **Onomástico**

## JANEIRO

- 15 D. Pedro Henrique Bezerra Magalhães – **Aniversário**
- 16 D. André R. Neves – **Aniversário**
- 24 Ir. Bonifácio Lima – **Aniversário**
- 25 D. Paulo da Silva Cavalcanti – **Onomástico**
- 29 D. Agostinho O. dos Santos – **Aniversário**

## FEVEREIRO

- 10 D. Justino S. de Souza, **Subprior – Ordenação (2006)**
- 14 D. Paulo da Silva Cavalcanti – **Aniversário**

## MARÇO

- 04 D. Patrício de V. Martins – **Profissão (2001)**
- 17 D. Patrício de V. Martins – **Onomástico**
- 18 D. Isaías N. da Silva – **Aniversário**
- 19 D. Pedro Henrique Bezerra Magalhães – **Profissão (1996)**
- 21 D. Isaías N. da Silva – **Profissão (2001)**
- 21 Ir. Anselmo R. Caldeira – **Profissão (2005)**

## DOS OBLATOS

## DEZEMBRO

- 07 Ir. Maria da Conceição (Gladys) Sena – **Aniversário**
- 08 Ir. Maria da Conceição (Gladys) Sena – **Onomástico**
- 27 Ir. João Evangelista (João) Godinho Barros – **Onomástico**

## JANEIRO

- 04 Ir. João Evangelista (João) Godinho Barros – **Aniversário**
- 21 Ir. Inês (Luzia) Telles Teixeira – **Onomástico**
- 27 Ir. Ângela (Maria) Rocha Godinho Barros – **Onomástico**

## FEVEREIRO

- 10 Ir. Escolástica (Therezinha) Silva de Souza – **Onomástico**  
Ir. Escolástica (Lubélia) de Matos Vieira Guerra – **Onomástico**
- 15 Ir. Beatriz (Maria Gracinda) dos Santos Alves – **Aniversário**

## DIÁLOGO



## UMA FOLHA D

Informativo trimestral dos Oblatos do Mosteiro de São Bento de Brasília  
Outubro a dezembro de 2007 - Ano 5 - nº 17

Descoberta  
Debate  
Discussão  
Difusão  
Divulgação  
Da mensagem  
BENEDITINA

## A PALAVRA DO PRIOR

## SPE SALVI

DOM HUGO DA SILVA CAVALCANTE, OSB

Na festa do Apóstolo Santo André, celebrada a 30 de novembro, fomos agraciados com a segunda Encíclica do pontificado de Sua Santidade o Papa Bento XVI que, já mesmo em um primeiro contato, pode ser seguramente descrita como um documento acentuadamente teológico que vem dado para um mundo que vive em crise. Percebe-se, então, muito claramente que o mundo está em crise, exatamente porque ele está continuamente a abandonar os verdadeiros valores; subsistindo erroneamente fundado em um puro relativismo, por isso mesmo é tão fragilizado naquilo que quer assegurar, tendo como consequência, a perda da verdadeira esperança, já que são completamente efêmeras as coisas em que muitos homens depositam as seguranças; sob as quais buscam sustentar a própria vida, caindo assim, se chegam a tomar consciência em algum momento, em um profundo e irreversível desespero. Alguns homens, governos e instituições, mas por um mero instinto de sobrevivência, chegam a pensar na conservação do meio ambiente, mas se esquecem de que a harmonia desse meio foi, de fato, constituída pelo Criador, por aquele que é o Senhor de todas as coisas. Existe uma salutar preocupação antropológica, mas essa não deve, contudo, prescindir da dimensão teológica, também inerente ao homem, embora o mundo a isso não queira dar espaço.

Depois de ter primeiramente refletido sobre a virtude teológica da caridade, aquela que eternamente subsiste, e isso em sua primogênita Encíclica *Deus*

*caritas est*, o Santo Padre de modo magistral, o que já lhe é tão reconhecida-mente peculiar, vem nos fazer perceber, -duma maneira acentuadamente pedagógica, em um documento que se faz necessário debruçar-se ao menos mais de uma vez, para que seja bem compreendido -, o relacionamento muito intrínseco existente entre as outras duas virtudes teológicas que são a fé e a esperança, e desse modo, com a autoridade de sucessor do Apóstolo Pedro, que tem como uma de suas peculiares tarefas confirmar na fé todos os seus irmãos, nesse mundo continuamente dominado pela descrença e desconfiança, sobretudo a respeito das questões relacionadas com o transcendente, por meio dessa Encíclica, ele vem nos convidar a refletir sobre a realidade de que a nossa salvação, acolhida pela profunda adesão à fé, está fundada na esperança, pois somos, de fato, Salvos na Esperança!

A Encíclica tem, portanto, seu ponto de partida em uma certeza: a vida do cristão jamais acaba em um vazio, porque, na realidade, o seu fundamento não é a matéria, nem tampouco simplesmente as leis naturais, mas o amor de Deus: que é uma Pessoa que se fez e se faz presente na história da humanidade, amando a cada homem e ensinado-o a amar do modo como ele ama. Esperar, portanto, é ter uma certeza no futuro, partindo, entretanto, de uma experiência pessoal de encontro no *hic et nunc*. Desse modo, na experiência do encontro, feito aqui e agora, mas que é sempre uma iniciativa d'Ele, tenho, na fé, esperança nas realidades futuras. Ele tra-

ta da dimensão da esperança que dentro da vida monástica se busca conduzir, não de modo individualista, como alguns acusam, mas como antecipação de um paraíso, vivido agora em sinais, mas a ser plenamente vivido no futuro. A fé e a esperança são dons pessoais, mas que devem ser vividos de modo comunitário. O labor contemplativo vivido pelos monges, e a esses ensinado por Agostinho, Bento e Bernardo, deve ser escola para o mundo.

O Romano Pontífice abre um bom espaço na Encíclica para deixar transparecer o modo como podemos peregrinar no caminho da fé, demonstrando, assim, diretamente, algumas críticas e desvios originados pelo mito racionalista e também por alguns filósofos que se utilizam dos conceitos de razão e liberdade de modo bastante errôneo, nos fazendo lembrar, certamente, uma grande verdade, não vivida por esses, e que nos traz a mente uma afirmação feita por um psicanalista judeu que é imensamente atual: ‘ao lado da estátua da liberdade, deveria ser construída sempre a estátua da responsabilidade’.

Três lugares nos são apresentados pelo Papa como nomeadamente privilegiados para que possamos adentrar, como discípulos, na escola da esperança: o primeiro lugar é o da oração, pois mesmo quando não somos ouvidos pelos homens naquilo que pedimos, Deus nos escuta sempre e nos dá sua respos-

ta; o segundo lugar é o da nossa ação e experiência do sofrimento, seja o mesmo pessoal ou vivido também em comunidade, pois ninguém poderá jamais dele escapar, sendo, como categoricamente assinala ‘cruel e desumana’ uma sociedade que não aceita aqueles que sofrem; no terceiro lugar o Servo dos servos de Deus aponta o Juízo final, que deve ser percebido como farol do nosso comportamento, ícone da responsabilidade da nossa vida, asseverando: ‘hoje, ninguém fala em Juízo final. Mas teremos que prestar contas. Porque não é a humanidade que se salva a si própria, é Deus’.

Um mundo que não quer dar espaço para Deus é um mundo, conseqüentemente, sem esperança; desse modo, acreditar no Juízo final é estar direcionado para o valor da vida eterna, vivendo a partir das opções concretas que são feitas quotidianamente. Embora muitas vezes mergulhados nas dificuldades e imundícies de um mundo que se torna cada vez mais imundo, devemos ter a certeza de que o fundamento da esperança em Cristo não nos poderá ser tirado, nem mesmo com a morte, que não é o fim, mas o definitivo encontro com aquele que é fiel em Quem, na verdade somos salvos na esperança. Faço votos, de que ainda a ser trocada em miúdos a profundidade do conteúdo da Encíclica possa ser acessível a todos.

ensina o Pai Nosso aos apóstolos. Desnecessário se torna enfatizar o extraordinário significado dessa prece para os cristãos-católicos. Por isso mesmo, engloba um sem-número de temas de meditação, conforme apontou aliás o prezado Guy José em artigo publicado no Diálogo de n. 12.

Ora bem: vimos todos acompanhando com acentuado interesse, há já algum tempo, a revalorização da vertente contemplativa do cristianismo, ou seja,

da profunda aplicação da mente e da concentração do espírito em abstrações no plano divino, que terminam por conduzir à **oração**. Disso entendem bem os irmãos e irmãs beneditinos, cabendo a nós, oblatos e candidatos à oblação, esforçar-nos para seguir-lhes os passos, na medida de nossas possibilidades.

Recordemo-nos de que as noções de **contemplação e silêncio** estão intrinsecamente relacionadas. Esta última, tratada aliás por N. P. S. Bento no capítulo 6 da Santa Regra, foi examinada com propriedade por articulistas que me antecederam. Gostaria, no entanto, de também oferecer contribuição para o seu estudo.

Parece-me ocioso consignar que nada existe de reprovável na interação com os demais. Se amor é comunicação, não nos é lícito seccionar o intercâmbio de idéias com o ambiente circundante. Se o fizermos, como poderemos auscultar o que sentem seus diversos componentes? Como nos beneficiar de suas ricas experiências? Como conhecer suas dúvidas, preocupações, angústias, anseios? Como nos colocar a serviço deles, praticando inclusive a virtude da caridade - a maior de todas?

Esse intróito, mais ou menos óbvio, me conduz à seguinte reflexão: em que consiste então o silêncio e quando deve ser efetivamente observado? O silêncio é, na minha óptica, como que uma defesa, uma proteção, uma barreira, um invólucro no qual nos inserimos voluntariamente para, por assim dizer, trocar de canal, isto é, sair da faixa horizontal de comunicação com os que nos rodeiam e procurar o canal vertical da sintonia com o Altíssimo. Na realidade, o que estou tratando de exprimir é que o silêncio puro e simples, o silêncio pelo silêncio - não raro imposto para atender a exigências disciplinares - pouco vale. Há mister de utilizá-lo para o exercício da oração, daquela que brota ab imo corde, suscitada pelo Espírito Santo.

O autor anônimo do livro *The Cloud of Unknowing*, obra a meu sentir digna de nota no contexto da literatura espiritual do Ocidente, escrita no final do sé-

culo XIV provavelmente por um monge (talvez cartuxo), nos diz que o acesso a Deus não se dá pelos exercícios intelectuais, pelos conceitos e suas percucientes análises, pela lógica e a dialética, pelos discursos, e, sim, pelo silêncio. Atenção: não se trata de um silêncio negativo, proibitório, mas atento, receptivo, contemplativo e, pois, indutor da oração. “Assim encontraremos a paz de Cristo, que é princípio e fim da plenitude humana, qual reflexo do pensamento de Deus sobre as nossas realidades.” (Paulo VI)

Releva aqui abrir um parêntese para lembrar que a recomendação de Jesus, de entrar no quarto (ou na cela) e fechar a porta para falar com o Pai (Mt 6, 6), pode ser entendida - no sábio dizer de Santa Catarina - tanto literalmente, como na perspectiva de ingressar no silêncio do coração, verdadeiro e precioso esconso que só a nós pertence e que, portanto, permanece conosco onde quer que nos encontremos.

Retomo o fio condutor da exposição. A prece, dependendo do que nos indique o Espírito, pode ser breve ou longa; de agradecimento pelas incontáveis graças recebidas ao longo da caminhada; de louvor a Deus pelo amor infinito com que nos brinda desde toda a eternidade; em nosso próprio favor, ou em favor dos irmãos e irmãs, próximos ou distantes - parentes, amigos, benfeitores, inimigos, ou desconhecidos. A relação não se esgota aqui, mas creio haver logrado transmitir a idéia-chave de que o silêncio somente adquire sentido se associado à prática da oração que nos vem do Espírito Santo. Afinal, os autênticos adoradores não são porventura aqueles que adoram a Deus em espírito e verdade? (Jo 4, 24)

À maneira de conclusão, permito-me afirmar - passe a irreverência - que devemos aproveitar os períodos de silêncio para empapar-nos de oração até a medula; a “ressaca” será, com toda a segurança, de muita felicidade pela inestimável conexão que vamos estabelecer com o Criador. Que Ele nos abençoe e ajude nesse intento.

## O OBLATO E A PARÓQUIA

DOM JUSTINO, OSB

O Código de Direito Canônico define a paróquia como sendo “uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular (diocese), e seu cuidado pastoral confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano”. (cânon 515)

A paróquia é portanto uma pequena porção do povo de Deus. É uma comunidade dirigida por um pastor, e a melhor representação - dentro do que é humanamente possível para os nossos dias - daquilo que foi a comunidade primitiva de Jerusalém, ideal de toda comunidade cristã (cf Atos dos Apóstolos, cap. 2 a 5). Todo cristão batizado, inclusive evidentemente o oblato, pertence a uma diocese, e mais especificamente, a uma paróquia.

O oblato beneditino é o leigo que se comprometeu a viver no século a espiritualidade da Regra de São Bento. Assim, é natural que se prenda por laços espirituais a uma comunidade beneditina. Mas isso não deve isentá-lo de participar da vida paroquial, até porque, se assim fizesse, o oblato estaria expondo a alguns perigos que analisamos a seguir.

O perigo maior, a meu ver, é o de se isolar da grande comunidade eclesial. Ao limitar a sua vida litúrgica ao mosteiro, o oblato corre o risco de se excluir da dinâmica própria da diocese e da paróquia, dinâmica essa de que o mosteiro, por força de sua inserção eclesial e canônica, participa um tanto marginalmente. Refiro-me sobretudo às atividades catequéticas e caritativas, que são próprias das paróquias. Quem pode se eximir da catequese, sobretudo dos jovens, que hoje andam tão desorientados? E acaso se pode seguir o Cristo sem dar uma assistência mínima aos mais carentes? Nesse sentido, é bom lembrar as palavras da apóstolo Tiago: “Uma fé sem

obras está completamente morta” (Tg 2,17)

Outro perigo que se apresenta ao oblato é o do elitismo, em todas as suas dimensões, mas sobretudo o elitismo litúrgico. É bem conhecido o zelo beneditino pelo rigor e pela beleza da liturgia. Aliás, talvez seja essa a atividade pastoral mais própria dos monges: a pastoral litúrgica. Mas não é raro se ouvir, aqui e acolá, uma queixa a respeito da liturgia paroquial. Sem entrar no mérito da questão, não seria então o caso de se procurar o grupo de liturgia da paróquia e ajudá-lo de alguma forma?

O oblato beneditino se encontra, na verdade, numa espécie de fronteira espiritual e eclesial. O mosteiro e a paróquia têm o seu respectivo lugar na Igreja. A paróquia está em função do atendimento às necessidades espirituais e materiais do povo de Deus. Já o mosteiro está (ou deveria estar) mais em função da contemplação e do louvor de Deus, sem exclusão de uma ou outra atividade pastoral e missionária. Pois bem, o oblato está, por assim dizer, com um pé em cada realidade, ou, dito de outro modo, deve estar com o coração no mosteiro e a cabeça na paróquia.

No próprio Estatuto dos Oblatos se lê: “Mais do que nunca, é viva no povo de Deus, em nossos dias, a consciência da Igreja como comunhão e participação, tanto no plano universal como no diocesano e paroquial. Cumpre ao oblato nutrir vivos sentimentos de filial fidelidade à santa Igreja, pulsar com ela, identificando-se com as intenções do Sumo Pontífice.” (n. 4, p. 1 e 2)

Trata-se do “senso eclesial” que todo oblato é chamado a desenvolver. O grau de engajamento paroquial pode variar em função da capacidade e da sensibilidade de cada oblato, mas esse engajamento, por menor que seja, deve sempre existir.

## REFLEXÃO

### SILÊNCIO CONTEMPLAÇÃO ORAÇÃO

fr. JOÃO EVANGELISTA (JOÃO) GODINHO BARROS, obl. sec. OSB

A inspiração para este artigo me veio do que se contém em Lc 11, 1-4. Vejamos: “Estando em certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu-Lhe: -Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos. Respondeu-lhes: -Quando orardes, dizei: -Pai, santificado seja o Teu Nome, venha o Teu Reino.” Interrompo aqui a transcrição do texto bíblico, por ser so-bejamente conhecido. É, como já perceberam, o famoso trecho em que Jesus

## EXPEDIENTE

**DIÁLOGO** é produzido pelos Monges e pelos Oblatos do Mosteiro da Santa Cruz.

**Prior** Dom Hugo da Siva Cavalcante, OSB  
**Jorn. Resp.:** Norma Marquez Eleutério